

YUCATAN—BOLONCHEN.

Bolonchen é uma aldeiola situada a pequena distancia das minas de Chunhuhu e de Ytsimpo, no Yucatan. O seu nome deriva-se de dous vocabulos da lingua maya, e significa os *nove poços*. Com effeito desde tempos immemoriaes nove poços têm servido a saciar a sede da numerosa população que vive n'estas regiões aridas. A origem d'estes preciosos reservatorios ainda ha pouco era desconhecida, bem como a das cidades em ruina que cobrem aquelle solo. O cuidado das auctoridades municipaes de Bolonchen quasi consiste só em conservar os nove poços no me-

lhor estado. Apesar da sua vigilancia, a agua escaccia durante sete ou oito mezes do anno, vendo-se então os habitantes constrangidos a abastecer-se d'ella no fundo de uma grande gruta ou furna, d'ali meia legua.

Tem a vasta furna um nome hespanhol, a *Senhora escondida*, e certa lenda popular faz d'ella residencia de uma menina que se subtrahia obstinadamente ás vistas de sua mãe. Foi em 1841 que M. Stephens e seu habil companheiro, M. Caterwood, visitaram esta gruta respeitavel. A sua profundidade total não é

menor de 210 pés, e chegando á tosca escada que conduz ao fundo, ainda restam uns 60 a 80 pés, que é mister descer cautelosamente sobre troncos de arvores nem sequer desbastados. A largura dos rusticos degraus é de 12 pés pouco mais ou menos. Conta-se em Bolonchen uma multidão de catastrophes succedidas n'esta perigosissima descida. Chegando-se ao fundo, estalactites gigantescas, e pedras enormes sobrepostas com regularidade, põem este enorme antro, pela sua estrutura colossal, em harmonia com as vastas cidades, que se suppõe terem existido no Yucatan. Esta caverna communica com outra gruta de mais difficil accesso que, por passagens tortuosas e irregulares, se diz conduzir á fonte dos nove poços.

COROAÇÃO DOS REIS DE PORTUGAL (1).

Nas vespéras da maioridade de el-rei o sr. D. Pedro V pareceu-nos que não seria fóra de proposito colligir algumas memorias, que se encontram nas chronicas e noticias historicas, ácerca da solemnidade, com que sempre foi costume levantar os soberanos portuguezes desde a fundação da monarchia.

Os tempos mudaram, e com elles as idéas e os costumes; mas, apesar de muitas das ceremonias então usadas não caberem hoje na esphera das actuaes instituições, entendemos que nem todas mereciam cair no esquecimento. Ha n'ellas mais de um exemplo digno de menção, e como recordações de veneranda antiguidade justificam o interesse que podem excitar.

A grandeza, de que o throno se rodeava em taes occasiões, nascia, não do desejo de ostentar esteril pompa, mas do pensamento politico de ligar logo do começo o monarcha aos subditos, obrigando-os reciprocamente por um acto publico, revestido das circumstancias mais proprias para infundir respeito.

O motivo por que a religião nas grandes festividades não duvidou fallar á imaginação e aos sentidos é o mesmo que de certo determinou as magnificencias empregadas na coroação dos reis desde remotas eras. Os factos, pelo menos, auctorizam-nos a supporlo.

Examinando as alterações do ceremonial nas diversas epochas vê-se que concordam com o successivo desenvolvimento, que foi adquirindo a formula monarchica, á medida que declina a preponderancia das classes nobres, e que se estreitam entre o principe e o povo os laços de amor e confiança.

Mas entremos no assumpto, e o leitor ajuizará por si.

As ceremonias, usadas na coroação dos reis godos eram solemnes e augustas; e quando Brandão nos descreve a maneira, por que foi jurado Sancho I, fere logo a vista a côr modéna do quadro, e é preciso pouco para se conhecer, que o auctor, afastando-se dos antigos monumentos, adopta uma versão que os costumes e a historia repellam ambos.

A verdade é mais bella. O que se acha decretado no codigo wisigothico, talvez o unico seguido no começo da monarchia; as disposições dos concilios toledanos; e as praticas do reino leonez, são conformes todas em provar que n'aquelles seculos a magestade humana invocava sempre a protecção divina, cobrindo-se com ella no acto de subir ao throno, cadeira da mais excelsa magistratura.

(1) Este artigo devia publicar-se antes do faustissimo dia 16 de setembro, o que não pôde acontecer por circumstancias independentes da vontade do auctor.

No prefacio do *Liber Judicum* (fuero jusgo) ordena-se que o rei seja eleito pelos bispos, pelos magnatas, e pelo povo. Na lei III diz-se, que, antes de empunhar o sceptro, o monarcha deve jurar o codigo wisigothico; e na lei IX manda-se que os prelados o sagrem e abençoem.

Encontram-se analogas determinações em muitos concilios toledanos; e o costume de ungir o rei conservou-se em Leão, por longo tempo, como consta das chronicas e documentos.

Ha mais! O capitulo XVII do ritual de Silos, intitulado-se do modo de *abençoar e coroar o rei*, confirma a larga parte concedida á Igreja n'estes autos. Faltam, bem o sabemos, relações contemporaneas e exactas; mas a visinhança dos dous reinos, e a plausivel opinião, de que a muitos respeitos foram communs as leis e os costumes, tendo Portugal saído do mesmo tronco, animam a conjectura, que arriscamos, condemnando a traducção moderna, que nos deixou do facto o escriptor da *Monarchia Lusitana*.

Dadas estas informações indispensaveis, passaremos a expor o que devia observar-se n'estes dias de jubilo e festivo applauso, cingindo-nos á letra dos rituaes, e ás noticias dos chronistas, que fizeram memoria d'elles.

Quando se lança os olhos para essas epochas, que tão distantes nos ficam já, e dos fragmentos, que restam, se procura restituir algum dos aspectos da sua vida guerreira, mas inspirada de nobres crenças, uma especie de saudade consoladora passa pelo coração, e parece alliviar a tristeza das inquietações presentes.

As sociedades na infancia compensam a rudeza pela ingenuidade dos sentimentos. Se absolutamente não são melhores, são mais sinceras, e menos corrompidas, do que as sociedades, que aprenderam em uma existencia longa os segredos da hypocrisia, e a venenosa dissimulação, que ousa até dourar os vicios!

I.

«No anno de 1135 o rei de Leão Affonso VII entrou na capital com a rainha Berengera sua mulher, com a infanta D. Sancha, sua irmã, e com o rei de Navarra D. Garcia.

«Concorreu tambem ali grande ajuntamento de monges e clérigos, e innumeravel povo, que vinha ver as festas, e ouvir fallar a palavra de Deus!

«No primeiro dia d'este vistoso concilio reuniram-se magnatas e populares no templo de Santa Maria, de accôrdo com o soberano, e trataram de tudo o que lhes suggeriu a clemencia de Jesus Christo para encaminhar a saudavel fim a alma dos fieis.

«No segundo, em que Igreja celebrava o advento do Espirito Santo, os arcebispos e bispos, os abbaes, ricos-homens e cavalleiros, os cavalleiros villãos e a plebe tornaram a congregar-se na cathedral, resolvendo proclamar imperador a el-rei Affonso VII, visto obedecerem-lhe o rei D. Garcia, o principe sarraceno Zafadola, o conde Raymundo de Barcelona, o conde Affonso de Tolosa, e muitos outros condes e senhores de França e Gascunha.

«Invocado, pois, o divino auxilio assim o decretaram, estando presente o rei de Navarra, e a infanta irmã d'el-rei; e apresentando-se logo este revestido de uma opa riquissima, puzeram-lhe na cabeça uma corôa de ouro fino cravejada de pedras, e mettendo-lhe o sceptro na mão, conduziram-o em proccissão ao altar de Santa Maria.

«O rei de Navarra levava o imperador pelo braço direito, e o bispo de Leão pelo esquerdo; atraz se-

guiam em luzido prestito os outros bispos, abbades, fidalgos, cantando o *Te Deum laudamus*, e repetindo a aclamação de «Viva D. Affonso imperador!» Depois do monarcha receber as benções celebrou-se missa de festa, e acabada ella voltaram todos para suas casas a descansar.

«O imperador mandou preparar então um banquete esplendido nos seus paços, aonde condes e senhores foram os ministros que serviram á meza dos reis. Mandou igualmente largos presentes aos prelados e abbades, e distribuiu pelos pobres avultadas sommas em esmolos de comida e vestuario.

«No terceiro dia o imperador com os do seu conselho occuparam-se no palacio dos negocios do reino, e de toda a Hespanha, ditando foros, e costumes para o bom governo d'elles, e fazendo leis que restaurassem a agricultura e a prosperidade das villas assoladas pelas guerras que tinham abrazado os povos.» (1)

Affonso VII viveu nos dias de Affonso Henriques, seu primo; e mais de uma vez, nos recontros da fronteira, os cavalleiros leonezes quebraram as lanças no escudo dos robustos campeadores da independencia portugueza.

As ceremonias da coroação do filho de D. Urraca, como as refere o relator quasi coevo das suas acções, é mais do que provavel que fossem as mesmas, que se observaram na exaltação de Affonso I, e seus successores, no primeiro periodo, porque estão em harmonia com o texto das leis, e com as rubricas dos antigos rituaes.

Á proporção que a nação ia envelhecendo, e que as idéas se modificavam com os usos, os formularios vão-se alterando pouco a pouco, e as figuras que a principio estavam mais na sombra começam a avultar, e acabam representando um papel que nunca mais esquece.

Alludimos á magistratura e ao terceiro braço, que mal podiam apparecer nos annos de Sancho I e Affonso II, mas que de D. Diniz até D. João I reconquistam grande influencia, e caracterizam vigorosamente a sua physionomia.

Nos tempos mais proximos á fundação da monarchia, ainda que o principio hereditario prevalecesse, obliterando inteiramente o electivo, este era recordado de longe no ceremonial, como costume de remotas epochas.

Os guerreiros asperos e indomaveis já não erguiam sobre os broqueis-outro soldado como elles, proclamando-o chefe no meio do arraial semeado de cadaveres; mas a tradição, fiel a esses dias de lucta e de gloria, não se esquece facilmente d'elles, e gravalhes a feição fugitiva em alguns dos episodios da coroação.

O rei por muito tempo assentou ainda o diadema sobre o elmo de cavalleiro; e até D. João II, a nobreza quasi que nem encobria a orgulhosa idéa de o reputar apenas como primeiro entre os seus iguaes. Foi necessario feril-a duas vezes na cabeça e no coração para a trazer ao seu logar. Costumada a ser tudo, e a fazer seu dependente o soberano em muitos casos, custou-lhe a convencer-se de que acima d'ella estava a lei e o monarcha!

O sr. Alexandre Herculano, traçando com mão de mestre o quadro historico da tomada de Silves, abre a scena pela solemne exaltação de Sancho I, e sem hesitar um momento restitue á cerimonia as antigas côres, de que a distinguiu Brandão.

(1) *Chronica Adefonsi Imperat. apud. Bergansa — ANTIQUIDADES DE HESPAÑA. Parte II, pag. 601.*

As fontes citadas pelo auctor da *Historia de Portugal*, pelo crítico severo, e consciencioso das origens da meia idade portugueza, são as mesmas que temos invocado, e que ainda vamos produzir.

Seja-nos licito, pois, á sombra da auctoridade d'este nome, e firmados nos argumentos que ministram os documentos desenhar do vivo um d'esses autos; descrevendo-o como elle devia ser, e não pintando-o como o lapso dos annos o desfigurou depois.

Póde succeder, que seja engano, e que a verdade appareça n'outra parte; mas em quanto a questão não se esclarecer de novas provas, resta-nos a satisfação de errarmos em excellente companhia, se fôr erro a nossa hypothese! Eis a versão, que os dados historicos auctorisam.

Apenas cerrava os olhos o soberano reinante o seu successor tomava logo sobre os hombros o pezo do governo, expedindo aos bispos e magnatas as participações convenientes, e cobrindo-se de luto carregado.

A almafega e o burel substituiam as côres alegres, os recamos, e as bordaduras das vestes; e a voz lugubre dos sinos da cathedral dava o signal de dôr a todos os outros templos.

Depois seguia-se a solemnidade da coroação, que era ao mesmo tempo uma grande festividade religiosa. Ornava-se a igreja, e tornavam a apparecer os trajos de gala. Os bispos e prelados com as suas apparatusas vestiduras passavam por entre as armaduras refulgentes dos cavalleiros, e os tabardos variegados dos officiaes do palacio, cruzavam-se com as garchas e capas roçagantes dos sobre-juizes, e com os habitos monacaes. A povoação acudia ás ruas e praças, e vinha encher de alegria e ruido os logares ainda ha pouco sombrios e desertos.

A procissão de auto saía lentamente da sé, e encaminhava-se ao alcacer. Compunha-se dos arcebispos e bispos, dos abbades bentos e cistercienses, e dos conegos do cabido. Os ricos-homens com os donzeis montados nos seus cavallos de batalha, acompanhavam o prestito. O rei apenas apontavam ao terreiro exterior da alcaçova descia logo, e vinha curvar-se diante do metropolitano de Braga, que o abençoava em uma curta e fervorosa oração. Depois, levando á direita e á esquerda dous bispos, revestidos de ricos pallios, sobre os quaes pendiam reliquias preciosas, e no meio da clerezia ornada de casulas, o principe dirigia-se á cathedral com passos vagarosos. Iam adiante d'elle o livro dos Santos Evangelhos, e duas cruces alçadas que os thuribularios não cessavam de incensar, queimando aromas de grande preço. Os sacerdotes e os monges estendiam-se em alas até onde os senhores e cavalleiros fechavam o cortejo. Um dos côros entoava o *Ecce mitto Angelum meum*, e o outro respondia: *Israel si me audieris*. Atraz de todos vinha o povo.

Chegados ás portas do templo o arcebispo saudava o principé, repetindo outra breve oração, em que pedia a Deus o auxilio da sua graça para o reinado que ia começar, para que fosse prospero e ditoso; e assim que entrava na igreja o clero levantava a bella antiphona *Domine salvum fac regem!* em quanto o metropolitano tornava a invocar o Senhor dos imperios, rogando-lhe que livrasse o soberano de todos os perigos e adversidades, e lhe concedesse a paz da Igreja para merecer a paz eterna.

Era então, que o principe, defronte do côro, despia as armas brancas, e a sobreveste, e que no meio dos dous bispos subia os degraus do altar, alcatifados de ricos tapetes, e cobertos de um docel soberbo.

Ahi, prostrando-se com a face no chão, e os braços em cruz, juntamente com os prelados, e presbyteros, ouvia as curtas litanias, que o resto do clero psalmeava no côro, implorando em seu favor a intercessão dos doze apóstolos, dos martyres e dos confessores.

No fim d'ellas erguia-se o metropolitano, e dirigia-lhe em voz alta estas perguntas: Quereis guardar a santa religião de nossos avós, observando-a com boas obras?

Sim, respondia o novo monarcha. Sereis o defensor da Igreja e dos seus ministros? Regereis o reino que vos concedeu o favor de Deus, guardando justiça a todos como fizeram vossos paes, e vossos avós? Sim! replicava o principe, acrescentando mais que seria fiel em guardar a firmeza dos foros de seus subditos, e empenhando para isso as forças, e os meios que a Providencia lhe dispensasse.

Então virando-se o metropolitano para o povo exclamava: Quereis para vosso rei este principe, e juraes obedecer-lhe segundo a palavra do apóstolo? E o clero e a multidão respondiam por uma aclamação immensa: 'Queremos! Assim seja!'

Esta primeira parte da cerimonia encerrava-se com a oração rezada por um dos bispos, depois de se inclinar reverentemente.

Na supplica, que elevava ao Altissimo, o prelado rogava-lhe que ornasse o monarcha, que ia reinar, com o sceptro sublime de David, e lhe concedesse a paz e sabedoria de Salomão, para governar o seu povo felizmente, para se gosar de dias largos e ditosos, e para ser admirado entre os outros reis pela magnanimidade do seu animo, e a justiça das suas obras.

N'este meio tempo resoavam fóra as trombetas e atabales, e prolongavam-se estrondosas as aclamações populares, como echo festivo da saudação unanime da cathedral.

Seguia-se a unção, administrada pelo metropolitano, assistido dos outros prelados. Começava pelas mãos, dizendo o arcebispo: «Ungidas sejam tuas palmas de oleo santo, como as dos reis e dos prophetas, e do mesmo modo que Samuel ungiu a David. O Senhor te abençoe, e te faça bom e recto soberano d'estes reinos que te deu, para n'elle o servires, regendo com justiça.» E proseguindo na sua deprecação ajuntava logo: «Deus omnipotente lança os olhos sobre este glorioso rei, e assim como por vós Abraham, Isaac, e Jacob foram bemditos, defendei-o dos perigos, e concedei-lhe o conforto espiritual da vossa graça. Favorecei-o com os orvalhos do céu, e a uberdade da terra; para que a abundancia reine com elle, e debaixo do seu sceptro tenha a patria saúde e contentamento para que a paz interior seja mantida, e o esplendor da corôa refulga como luz clarissima. Deus omnipotente fazei que elle se torne fortissimo protector da sua terra, consolador das igrejas e mosteiros, triumphador dos inimigos, espanto e castigo das gentes pagãs e rebeldes. Que os grandes e os pequenos o amem e venerem como piedoso, magnanimo e justiceiro; e nasçam da sua geração outros reis que na successão dos tempos sejam a gloria da monarchia, e mereçam a eterna beatitude!»

Depois d'esta oração o metropolitano ungia-lhe a cabeça, o peito, as espaldas e as juntas, dizendo: «Esta é a unção de rei que te dou com oleo bento em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo!» e proseguindo, pronunciava outra fervorosa reza, pedindo ao Altissimo que abençoasse no seu throno o novo principe e lhe fosse propicio, para que as suas armas

saissem victoriosas de todos os encontros, a sua corôa fosse corôa de justiça e piedade, e o seu coração ardendo em fé e virtudes sempre se desviasse do mal, e acertasse com o bem.

Seguia-se cingir-lhe o arcebispo a espada, exclamando: «Eis a espada dos teus reinos, que recibes de minhas mãos indignas para com ella os regeres com valor e fidelidade!» Vestindo-lhe d'ahi as armas e o pallio, e mettendo-lhe o anel no dedo, acrescentava: «Recebe o anel da tua dignidade, e sirva-te de signal na fé.»

Entregando-lhe o sceptro e o baculo dizia: «Aceita a vara da virtude!» e inclinando-se para lhe pouzar o diadema na cabeça, concluia: «Recebe a corôa dos teus reinos!»

Immediatamente lançavam-se as benções finaes, que eram as seguintes, decretadas desde os tempos do synodo: «Bemdito sejas de Deus. Elle te defende e sustente, e assim como te fez rei te conceda a felicidade na terra, e a bemaventurança no céu. O clero e o povo, que te aclamaram de sua livre vontade, sejam os esteios do teu imperio, para que Deus te conte largos e ditosos dias.»

Com a corôa na frente, e o sceptro na mão o novo rei descia então os degraus do altar, no meio dos bispos, e era conduzido em côro ao throno, cantando os sacerdotes: *Desiderium animæ ejus tribuisti ei Domine!*

O metropolitano dizia depois: «Senta-te e permanece! Este solio é teu por successão paterna e direito hereditario!»

Assim que o principe se tinha assentado, o arcebispo continuava: «Confirme-te Deus no throno, e Jesus Christo, Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores te faça reinar comsigo eternamente no reino da gloria.»

Ditas estas palavras dava-lhe o osculo de paz, e todo o ajuntamento religioso, congratulando-se ao som dos instrumentos, levantava o canto do hymno: *Te Deum laudamus!*

O arcebispo celebrava missa solemne, e a cerimonia finalisava por novas e ardentes supplicas ao Altissimo, implorando em beneficio do soberano e da monarchia a sua clemencia e misericordia (1).

Terminada a funcção religiosa no templo todo o prestito se dirigia de novo ao alcacer, compondo uma formosa comitiva.

O rei caminhava no meio dos bispos e abbades, dos mestres das ordens militares, dos ricos-homens e infanções; os ecclesiasticos em mulas possantes ricamente ajazadas, os nobres seculares em formosos corseis, trazendo após si os vigorosos ginetes de batalha montados por donzeis imberbes, e segundo sua riqueza maior ou menor numero de cavalleiros e escudeiros, que seguiam o seu pendão. Os homens d'armas da mercê de cada um acompanhavam-os com as suas lorigas de couro, e as azevans, ou lanças curtas encostadas no hombro.

Chegado aos paços acastellados o novo rei assentava-se no seu throno. O alferes-mór á direita levantava tendido o estandarte, ou signa real. O mordomo-mór, o meirinho da curia, o mordomo-menor, o chancellor e os mais officiaes da côrte rodeavam o soberano, que em toda a pompa e estado passava a

(1) Antigo ritual do mosteiro de Silos, acabado de compor no anno de 1052 por Bartholomeu presbytero, abbade de S. Prudencio.— Apud Berganza, Ant. de Hesp.— Append. Secção III, cap. XVII, pag. 681 a 684. Este ritual abreviou os outros mais antigos, que existiam antes, mas na substancia conservou todas as ceremonias usadas no tempo dos godos.

receber dos grandes vassallos o preito e menagem pelas terras da corôa.

Os meirinhos ou adiantados das provincias, os alcaides mores, os mestres das ordens, e os mais senhores prestavam successivamente o seu juramento nas mãos do monarcha: os meirinhos protestando fazer respeitar a justiça e os foros do reino e a suprema auctoridade real.

Os alcaides, recebendo a investidura dos castellos, obrigando-se a defendel-os até á morte, e a não os entregar senão ao rei, ou a quem elle mandasse, e promettendo mais servir na guerra com um numero certo de lanças segundo as tenças, que tinham da corôa, e a acolher o principe ou os seus successores nos castellos, quando a elles chegassem.

Os mestres do Templo e das outras ordens, e os perceptores, ou commendatarios faziam igualmente preito e menagem em nome de seus irmãos, assim como os senhores, que possuíam bens da corôa.

Acabada a cerimonia, descia o rei do seu throno, e assomando aos eirados do alcacer, recebia as estrepitosas aclamações dos nobres e do povo, vivo testemunho do amor de seus companheiros na guerra, e de todos os filhos da terra portugueza que ía governar.

Um banquete solemne rematava na sala d'armas, segundo os costumes da epocha, os jubilos e as fadigas d'este dia. O rei era servido pelos seus officiaes, e os pagens traziam nas mãos as tochas que illuminavam a vasta quadra, aonde tomavam assento os prelados, os ricos-homens, e os fidalgos, a quem o seu nascimento conferia esta honra como um direito.

Os escanções enchiam as taças; os menestreis tocavam as suas harpas, órgãos e doçainas, e os jograes multiplicavam para recreio dos convidados os seus arremedilhos, saltos e gracejos.

Depois tudo caía no silencio, e se alguém velava ainda na alcaçova adormecida com as suas galas de festa era só o novo rei, que os cuidados como espinhos não deixavam descansar.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

O VOADOR.

PORTE II.

VI.

Era no mez de setembro de 1724.

Por esse tempo estava de juiz de fóra em Aldeia Gallega um tal Jeronymo de Cetem, especie de Camões do Rocio, se não em fazer versos, pelo menos no modo de vida folgasão e pouco orthodoxo que levava. Passeiando um dia pela villa, avistou cinco mulheres que vinham fazendo grande algazarra; e como lhe parecesse gente desordenada, apertou o passo, e foi encontrar-se com ellas, saudando-as sem cerimonia. Qual não foi, porém, a sua alegria ao deparar com um antigo conhecimento no meio d'aquelle grupo palrador!

—Que fortuna, sr.^a Brazia Rodrigues, exclamou o juiz de fóra, fazendo uma mesura ridicula á mais idosa e roliça das matronas; —é um milagre encontrar-a fóra da sua quinta d'este lado do Tejo, ou da sua casa nas varandas do Terreiro do Paço. E então como vem bem acompanhada!

—É verdade, sr. juiz, saí hoje do cortiço para ir

até Alcacer entregar a seus parentes esta minha amiga, que se vae metter freira.

Jeronymo encarou com a alludida pessoa, e ficou pasmado da sua formosura.

—Que pena, disse elle depois de detido exame, tão linda e tão moça querer já fugir do mundo. Olhe que não é tão feio como o pintam!

—É por sua livre vontade que vae servir a Deus, apressou-se a responder a tia Brazia. Como esta não as ha de certo no convento de Odivellas.

—Alcacer não é muito longe, respondeu sentenciosamente o maganão do juiz.

—Bem nos podia v. m.^{ca} mandar embargar tres seges, continuou a honrada matrona, que nos conduzissem ao menos até Setubal; depois iremos embarcadas.

—Sinto o maior prazer em poder-lhes prestar esse pequeno obsequio; como, porém, é necessario tempo para se procurarem as seges, peço-lhes que jantem comigo.

—Com todo o gosto, respondeu por todas a Brazia.

—Pois vamos, que já está a dar meio dia; deve estar prompta a comida.

Jeronymo de Cetem desconfiava de tão numerosa sociedade, sem saber mesmo por que. Durante o jantar, que foi bastante alegre e sem etiqueta, tratou elle de indagar o verdadeiro motivo d'aquella jornada; mas, apesar de toda a sua esperteza, não pôde obter das mulheres mais do que a promessa de voltarem a Aldeia Gallega no fim de tres ou quatro dias.

Isto passava-se a 14 de setembro, e até ao dia 23 não teve Jeronymo noticia alguma das mulheres. Lembrou-lhe então de ir dar uma volta pela quinta de Brazia Rodrigues, para saber noticias suas, e dirigindo-se com effeito para aquelle lado, avistou ainda de longe a propria Brazia, sentada junto ao portão.

—Por cá, senhora Brazia, bradou logo o juiz, muito admirado: suppunha-a mais distante de Aldeia Gallega! E as suas companheiras, que feito é d'ellas?

—Ah! senhor, foram para Lisboa... porém sente-se, que hade vir cansado.

—Não se resolveu então a acompanhá-las?

—Eu, por não me metter em embrulhadas, aparte-me da sociedade, e voltei para casa.

—Embrulhadas! repetiu insensivelmente o juiz cinco vezes consecutivas. E endireitou-se, como um cão que deu com o rasto da caça.—Ora conte-me isso, sr.^a Brazia.

—Não posso... não devo...

—Olhe que eu sou de segredo, bem sabe... creio que já lhe dei as mais decisivas provas de discrição, e que ninguem até hoje...

—É verdade, respondeu a mulher suspirando, o sr. Jeronymo de Cetem é muito honrado.

—Certamente; apesar de que não era essa a opinião de seu defunto marido.

—Pobre André Rodrigues, murmurou Brazia soluçando, Deus lhe falle n'alma!

—Ora pois, conte-me então o que fizeram e o que tencionam fazer as suas amigas.

—Se me promette inviolavel segredo!...

—Diga, diga, sr.^a Brazia; a sua confidencia cáe n'um poço sem fundo.

—Pois então saberá... mas segredo!...

—É como se o contasse a estas arvores.

—Aquella menina que quer ser freira... e é um anjo bento a pobre! é filha de uma das Salemas, a

quem chamam as feiticeiras em Alcacer... não eu, que as julgo boas mulheres e tementes a Deus. Costumam confiar-me a pequena, de tempos a tempos, para passar alguns dias n'esta quinta; e agora mandaram-n'a despedir-se de mim, porque vae entrar no convento; porém uma d'aquellas minhas companheiras, a mais alta, ruiva...

— Bem me lembro, que se chama...

— Annica Rosa.

— Justamente; Annica Rosa. E então?

— Agora é que é o mais grave, e eu não sei se...

— Pois não me conhece!?

— Diz bem, sr. juiz; perdoe, sr. Jeronymo.

— Já me não chama *seu* Jeronymo, como ha dez annos... Ora pois, paciencia! Mas vamos adiante.

— Annica Rosa está ligada com outras mulheres e um homem, que querem enfeitiçar el-rei, para que deixe D. Paula d'Odivellas, e tome amores com esta freirinha que viu, a Rosalia, a qual dizem ser filha do padre Bartholomeu Lourenço...

— Do Voador?...

— Esse mesmo.

— E será elle o homem que anda mettido na tal trama?

— Não sei, mas é de crer.

— Oh! se o padre Voador está de dentro, então o negocio ha de ser intrincado!

Brazia continuou:— Fomos consultar as Salemas, sem lhe dizer de quem se tratava, porque talvez ellas não consentissem que a Rosalia substituísse a D. Paula. Informadas, porém, do assumpto, disseram que para enfeitiçarem um homem era necessario que lhe trouxessem algum objecto que houvesse tido contacto physico com elle. As minhas companheiras foram pois prevenir a Lisboa o tal homem, e eu recolhi-me para casa.

— Fez mal, porque poderíamos saber o resto; principalmente o nome do homem. Assim mesmo: estou aqui, estou corregedor... e depois, veremos.

O juiz correu para fóra da quinta, apesar das vozes de Brazia, que lhe pedia a explicação das ultimas palavras. Parou em casa o tempo necessario para mudar de fato, embargou uma falua, e veiu direito ao Terreiro do Paço.

Esta teia que se urdia nas trevas, e á qual era absolutamente estranho o padre Bartholomeu, ia enredal-o entre os seus fios, e servir aos planos traiçoeiros dos inimigos do sabio machinista e letrado. A inquisição não perderia o ensejo de mostrar que se lembrava ainda das imprudentes palavras do Voador... porém acompanhemos o juiz de fóra.

Entrando nas ante-salas do paço, o rosso Jeronymo procurou por um collega seu, o sr. João Marques Bacalhau, pessoa de credito junto a el-rei. Encontrou-o logo, e confiou-lhe o segredo que vinha de descobrir: Bacalhau não se demorou em transmittir a el-rei a confidencia, e D. João V ordenou que, no seguinte dia, pela manhã, comparecesse o juiz de fóra em casa do cardeal da Cunha, e que em presença do mesmo Bacalhau, e de Nuno da Silva Telles fizesse por escripto a sua declaração, e adduzisse as provas que pudesse obter até esse momento, sendo em seguida acareado com Brazia Rodrigues.

As dez horas da manhã do dia 24 teve lugar o depoimento e a acareação, segundo as ordens d'el-rei, e a mulher declarou mais que lhe constava terem passado as suas tres companheiras e um homem para Alcacer, n'esse mesmo dia, de madrugada. Determinou-se logo a prizão das Salemas, e de quem se achasse em sua casa, e foram encarregados d'esta diligen-

cia os dous juizes Cetem e Bacalhau, coadjuvados pelos officiaes da inquisição.

Brazia ficou solta e livre.

Chegando a Alcacer as justiças d'el-rei e do santo officio, que repartiam entre si a preza, buscaram logo a pousada das mulatas. Bartholomeu Lourenço, que voltava de acompanhar Rosalia ao convento, foi capturado pelo unico crime de se achar em casa das bruxas, apesar dos seus protestos de que não conhecia as tres mulheres accusadas de quererem enfeitiçar o rei; e sendo confiado á guarda de varios familiares da inquisição, seguiu logo para Lisboa, em direcção aos carcereiros do Rocio. Estava finalmente em poder do santo officio.

Os juizes trataram de interrogar as duas Salemas, Isabel, Annica Rosa, e as suas duas cumplices, que negaram absolutamente todos os malefícios que lhes imputavam; porém o Bacalhau entendeu que havia um meio expedito de arrancar as confissões aos culpados, e mandou açoutar as mulheres junto ao pelourinho da villa.

Então Isabel, a formosa joven, cujo orgulho se revoltava contra semelhante castigo, offereceu-se aos juizes para dizer toda a verdade, se lhe perdoassem a ella e a sua mãe. Os magistrados exultaram com a proposta, e prometteram tudo, reservando-se o direito de faltarem á sua palavra, se assim fosse necessario.

Isabel contou então que as lições do padre Bartholomeu é que tinham induzido sua mãe e Aurelia a dedicarem-se á feiticéria, e que suppunha ser elle um grande magico pelas conversas que lhe ouvira. Que não sabia se o Voador estava conloiado com as tres mulheres d'Aldeia Gallega, mas que era certo tratarem ellas de enfeitiçar um homem, para o que traziam n'uma condessa (e mostrou-a) ingredientes para a evocação do espirito maligno.

Os esbirros lançaram-se sobre a condessa, e acharam dentro d'ella peitos de perdizes e de gallinhas abocanhados, bocados de marmelada meios-comidos, uma atadura e almofadinha com sangue, quarenta moedas em ouro, e muito boas joias; e no fundo de um alforge um caco com esterco humano (1).

Que mais era necessario para convencer aquelles abalisados jurisconsultos da existencia do crime de feiticeria? O tormento concluiria a obra, fazendo declarar aos culpados que o enfeitiçado era el-rei!

Jeronymo de Cetem levou para sua casa a joven Isabel... por caridade, para não estar confundida com aquella má gente. Sua mãe, apesar da promessa dos juizes, foi conduzida com as outras mulheres aos carcereiros da inquisição.

Durante o transito dizia o Bacalhau para o seu collega:— A Ordenação é clara n'este ponto: «Qualquer pessoa que, em circulo, ou fóra d'elle, ou em encruzilhada invocar espiritos diabolicos, ou der a alguma pessoa a comer ou a beber qualquer cousa para querer bem ou mal a outrem, ou outrem a elle, morra por isso morte natural.» (2)

— Assim as mulheres, respondeu Jeronymo, têm a sua conta justa.

— E o padre tambem, accrescentou o chefe dos officiaes do santo officio.

— Hade-se-lhe fazer a diligencia para que todos tenham o seu quinhão, concluiu, sorrindo-se, o Bacalhau.

(1) A lista dos ingredientes para a evocação é copiada de D. Bernardo de Santa Maria, vigario da Cartuxa. Não seguimos em tudo, porém, a sua narração, pelo motivo que já apontamos em outra nota d'este romance.

(2) Ordenação Filipina. Livro V, titulo 3.º, § 1.

No dia 25, pela tarde, chegou a Lisboa a escolta, que conduzia o padre Voador, e as portas de uma masmorra do santo officio se fecharam em seguida sobre o sabio e infeliz Gusmão. Porém um homem da sua tempera não se deixava abater por qualquer revez; com quarenta e sete annos de idade conservava o vigor do mancebo. Isolado no carcere, meditou sobre a sua posição actual, e concluiu que os inquisidores o não deixariam sair d'ali, só se fosse a caminho da fogueira. Era pois necessario tomar uma resolução, mas rapida e decisiva. O padre reflexionou ainda alguns minutos, e depois começou a gritar como tomado de dóres, porém sentindo aproximarem-se do seu quarto os passos de alguém, do carcereiro provavelmente, poz-se a gemer como se caísse em grande abatimento. O familiar encarregado da guarda d'aquella prizão tinha com effeito sentido a lamuria do encarcerado, e vinha soccorrel-o. Entrou, fechou por dentro a porta, e dirigiu-se ao padre, perguntando-lhe o que tinha e de que carecia. Bartholomeu respondeu que lhe faltava o ar, que queria chegar ás grades para respirar melhor, mas que se não podia erguer do chão, onde estava deitado, por causa do abatimento em que se achava, que se transmittira do moral ao physico. O carcereiro, que não era dos peiores d'aquella santa casa, largou as chaves da mão, e curvou-se até ás lages para levantar o clérigo, porém este, rapido como o pensamento, cavalgou sobre aquelle, apertando-lhe o pescoço entre os joelhos, como em uma tenaz, e lançando mão das ponderosas chaves dos carceres, ameaçou com a morte o pobre familiar se tentasse soltar um só grito. De uma aba da sotana clerical ageitou uma mordaca para a bôca do pobre official do santo officio, despiu-lhe o trajo inquisitorial, e amarrou-o de pés e mãos a uma argola que estava no fundo do quarto. Depois trocou o seu fato pelo do ex-carcereiro, abriu a porta, tornou a fechal-a pela parte de fóra, caminhou desassombrado pelos corredores, cuja topographia decorára, entrando poucas horas antes no palacio, e d'ahi a poucos minutos atravessava o Rocio, dirigindo-se ao convento do Carmo, e esperava pela noite para se evadir de Lisboa.

Seu irmão, Frei João de Santa Maria, o excellente pregador que já apresentamos ao leitor, escondeu Bartholomeu na sua cella, e tratou desde logo de preparar a fuga. N'essa noite, porém, não foi possível effectuar-se, e no dia seguinte vieram chamar o carmelita da parte da inquisição, para dar noticias do Voador. Frei João respondeu que ignorava o seu paradeiro, e aquella gente commetteu o erro de ameaçar o frade com uma busca no convento. Elle fingiu não se temer de cousa alguma, e regressou immediatamente ao Carmo. Na sua cella havia livros que o santo officio condemnava, havia vasos e retortas para combinações chemicas, esboços de machinas de sua invenção, em que trabalhava... Estava perdido se tudo isto se descobria! Uma vez que corria este risco, e que seu irmão ia expatriar-se, tomou a resolução de acompanhal-o, e para essa noite foi fixada definitivamente a partida.

— Oh! se eu tivesse o meu aerostato, como nós iríamos commodamente! Foi a resposta de Bartholomeu a Frei João.

Entretanto interrogavam as mulheres ácerca do plano de enfeiticar elrei, e exigiam-lhes, sob pena de serem mettidas a tormento, o nome do homem que as induzira áquelle crime, e que as acompanhava nas expedições a Alcacer. Uma das prezas, Annica Rosa, sabendo que Bartholomeu se evadira, de-

clarou que era elle o auctor de toda a trama, para fazer de sua filha a amante do rei.

Maria Soares e Violante Gomes (as outras duas cúmplices) confirmaram o dito; contra o qual protestaram debalde as duas mulatas. D. João V perdoou a todas a pena de morte, commutando-a em açoutes com baraço e pregão na cidade, e degredo perpetuo para o Brazil; mas sempre quiz ver que tal era a amante que lhe queriam impor. É fama que a virtuosa Rosalia lhe não desagradou de todo, pois que a mandou transferir para o convento das Claras de Lisboa.

Jeronymo de Cetem não se enganara nos seus calculos; obteve por premio da denuncia a correição de Vianna. Isabel acompanhou-o para o Minho; em quanto Thomasia e Aurelia viam de novo a sua boa terra de S. Paulo, e as outras tres degradadas iam vivendo no Maranhão.

No sequestro a que se procedeu nos bens do Voador, logo que elle fugiu da prizão, encontrou-se entre os seus papeis um exemplar do *Coran*, annotado por elle mesmo!... A santa inquisição de certo queimava vivo o reverendo, se o torna a apanhar ás mãos.

De um relatorio do proprio Frei João de Santa Maria, irmão, e socio na fuga do nosso heroe, vamos tomar o epilogo d'esta historia:

« A 26 de setembro, pela noite, fugiu d'esta cidade o voador Bartholomeu, e tomando a estrada de Loures por passos e caminhos montuosos, foi a Vallada, e passando á vista de Muge, seguiu o caminho de Montargil e Aviz, estrada de Arronches; atravessou o rio Caia; e levando o designio de entrar em Madrid, sobreveiu-lhe um accidente, que se tornou em febre maligna, da qual morreu em Toledo, no hospital da misericordia, sobre a madrugada de 18 de novembro, é jaz enterrado na parochial igreja de S. Romão da dita cidade. » (1)

F. M. BORDALO.

Sr. redactor. — Um joven poeta brasileiro, o sr. A. Marques Rodrigues enviou-me esses specimens das suas primeiras tentativas, deixando ao meu arbitrio a sua publicação. Entendo que revelam um bello talento; e por isso v. me faria especial mercê imprimindo-as nas columnas do Panorama.

As imperfeições de phrase e de metro que uma ou outra vez mancham esses versos podia eu tel-as corrigido; mas devendo em tal caso, pela necessidade da rima, substituir versos meus aos do auctor, seria facil que o estylo desdissesse ahi do resto da composição, é semelhante desigualdade não seria senão a troca de uma imperfeição por outra. Abstive-me, portanto, de correções que só serviriam para esconder um feliz defeito, a inexperiencia, ou antes a impaciencia ardente da mocidade.

Não sei se me engano, porque ha muitos annos que outros estudos me distrahiram do culto das musas; mas parece-me que no sr. Marques Rodrigues terá em breve o Brazil mais um poeta distincto. Antevê-lo é para mim altamente aprazível; porque folgo com tudo o que póde contribuir para a grandeza e gloria de um paiz no qual tenho como escriptor encontrado tanta benevolencia como a que posso dever aos meus proprios concidadãos.

1 de setembro de 1855.

A. HERCULANO.

(1) É copiado, quasi textualmente, do uma memoria de F. de Carvalho, impressa nas actas da academia das sciencias.

NOVE DE DEZEMBRO.

Ei fu. Siccome immobile;
Dato il mortal respiro,
Stette la spoglia immemore
Orba di tanto spiro;
Così percossa, attonita
La terra al nunzio sta.

MANZONI.

Vem colher os goivos funebres,
Filha do céu, ó Poesia,
Que o cantor mimoso, ingenuo,
Garrett, o rei da harmonia,
Já não solta a voz etherea;
Ai tristes de nós... morreu!

Portugal, desfeito em lagrimas,
Chora o filho bem amado,
Que herdou de Camões a gloria;
E o mundo, que o vê prostrado,
Vê que a morte rasga a purpura
Que ao genio Deus concedeu!

Lá dentro do negro tumulo
A cruel esmaga ufana
Os mantos, o sceptro, o gladio:
Que é sorte da raça humana
O guerreiro e o homem pavido
Ir todos morder o chão!

Mas não pôde ao sacro genio
As mãos lançar atrevida:
É de Deus a chamma limpida,

Que o genio desprende em vida,
Que deslumbra a terra attonita,
Que lança eterno clarão.

Assim pois a Fama aligera
De Garrett exalta o nome.
E diz: «Que de palmas viridas,
Grinaldas, alto renome
Colheu em honra da patria
Que orgulhosa o viu nascer!

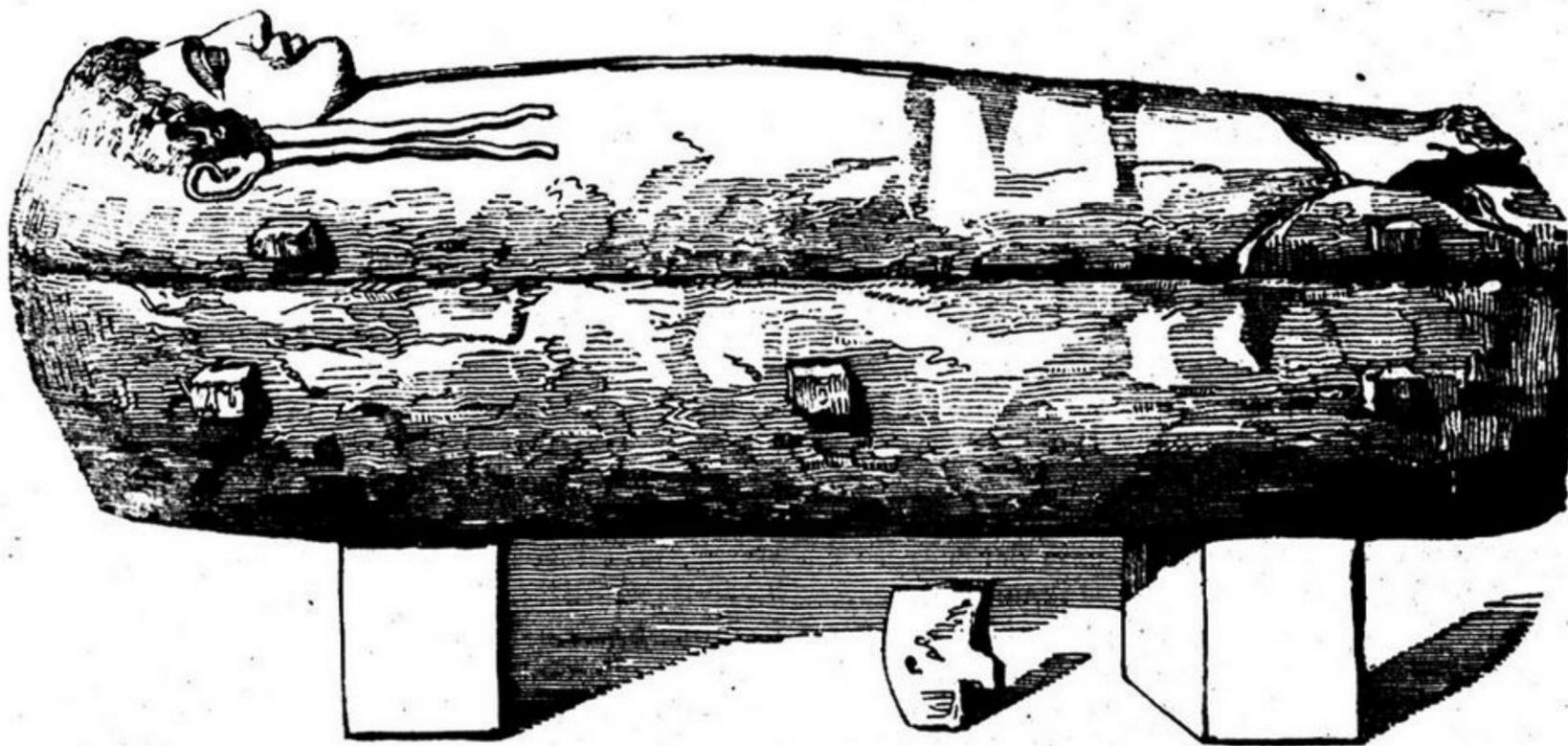
Foi elle que á virgem timida
Canções de amor descantava,
E de avós o culto egregio
Na lyra eburnea sagrava,
E brandos, celestes canticos,
Celestes a mais não ser!

Calçando o cothurno tragico,
Pranteou na patria scena
De Sousa a cruel catastrophe;
Assim como em tuba amena
Cantára de Branca as maguas,
A belleza e o casto amor.

E a Camões, vate grandiloco,
Em versos cantou ousado,
E, vendo a feliz audacia,
Não sabe o mundo espantado
Qual dos dous foi mais esplendido,
Quem foi o melhor cantor!

Maranhão — 1855.

A. MARQUES RODRIGUES.



SARCOPHAGO PHENICIO.

Nota-se nas galerias de antiguidades asiaticas do Louvre, um sarcophago de marmore, cuja parte inferior foi escavada com o maior esmero para receber o cadaver; em torno da parte escavada fizeram um entalho sobre o qual acerta perfeitamente uma especie de tampa, que é convexa, e tem do lado mais largo um busto de mulher esculpido em alto relevo; a cabeça é ornada de tres ordens de anneis de cabelo, pintados de azul ferrete; quatro compridas madeixas onduladas lhe descem para os hombros. A tampa pôde ser facilmente levantada, porque tem quatro azas feitas de pedra tambem; a peça inferior apresenta seis das taes azas; o orificio auricular do lado

esquerdo está aberto em toda a grossura da pedra. Talvez que esta abertura se fizesse com o intuito de segredar preces aos ouvidos da pessoa cujos restos mortaes devia encerrar o sarcophago.

Este monumento, descoberto por M. Pérétie, cêrca de Tripoli de Phenicia, offerece certas analogias com os tumulos egypcios executados durante a vigesima sexta dynastia, isto é, no sexto e setimo seculos antes de Jesus Christo; mas a cabeça tem um caracter que não é de sorte alguma egypcio, e que encontrando-se nas eras da mais alta antiguidade grega, nos faz presumir que este singularissimo sarcophago, é talvez dos primeiros specimens conhecidos da arte egypcia.